

PRÁTICAS ANTIRRACISTAS EM SALA DE AULA: CAMINHOS PARA A ESCOLA CIDADÃ

PRÁCTICAS ANTIRRACISTAS EN EL AULA: CAMINOS HACIA LA ESCUELA CÍVICA

PRACTICAL ANTI-RACIST IN THE CLASSROOM: PATHWAYS TO CIVIC SCHOOL

DENISE MARIA SOARES LIMA
advdenise@yahoo.com.br
Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasil

Fecha de recepción: 26/06/2012
Fecha de aceptación: 20/09/2012

Resumo

Esta experiência didática destaca-se na área de produção de textos aplicada à modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem como fim auxiliar alunos do ensino fundamental a redigirem a partir da reflexão de leituras e músicas, tendo como pano de fundo a orientação da Lei Federal n. 10.639/2003. Assim questões sobre racismo, discriminação e preconceito são abordadas com ênfase neste trabalho. Além de conhecer obras de autores e compositores negros africanos e brasileiros, minimizar os sentimentos negativos em relação à produção de textos e reforçar a oralidade, a desenvoltura e a capacidade crítica e reflexiva. Ao fim, percebe-se que a insegurança inicial e o medo são substituídos por satisfação ao produzir textos, assim como sentimentos positivos em relação a si e a população negra.

Palavras-chave: produção de textos, Lei Federal n. 10.639/2003

Resumen

Esta experiencia didáctica se destaca en la producción de textos aplicadas a la educación de jóvenes y adultos (EJA) y pretende ayudar a los estudiantes de la escuela primaria la escritura de la reflexión de las lecturas y canciones, teniendo como fondo el Federal ley n. 10.639/2003. Por lo que preguntas sobre el racismo, la discriminación y los prejuicios están cubiertos con énfasis en este trabajo. Además de conocer las obras de autores y compositores, negros africanos y brasileños, minimizar los sentimientos negativos en relación con la producción de textos y refuerzan la oralidad, el ingenio y la capacidad de crítica y reflexivamente. Al final, se da cuenta de que el miedo y la inseguridad inicial se sustituyen por satisfacción para producir textos, así como sentimientos positivos hacia sí mismos y la población negra.

Palabras clave: producción de textos, n. 10.639/2003 de la Ley Federal.

Abstract

This didactic experience stands out on the production of texts applied to the education of young people and adults (EJA) and aims to help primary school students writing reflection of readings and songs, having as background the Federal Law No. 10.639/2003. So questions about racism, discrimination and prejudice are covered with emphasis on this work. In addition to the works of authors and composers, black African and Brazilian, minimize negative feelings in relation to the production of texts and reinforce orality, ingenuity and the ability to critically and reflectively. At the end, realizes that initial insecurity and fear are replaced by satisfaction to produce texts, as well as positive feelings toward themselves and the black population.

Key words: production of texts, n. Federal Law 10.639/2003.



INTRODUÇÃO

“É chegada a hora de tirar nossa nação das trevas da injustiça racial”,

Zumbi dos Palmares

Conceber projetos que superem conflitos não é tarefa fácil para o professor, já que não basta apenas “tirá-los da cartola”. A criação, além do diálogo interno, para Perrenoud (2005) há um tripé de reflexão simultânea: sistema social, sobrevivência e bem-estar de uma coletividade, havendo necessidade de identificar-se em parte com esse conjunto, sentir-se minimamente responsável.

Chegou-se ao máximo da tecnologia em comunicação (televisão, telefone, telefone celular, internet), mesmo assim a humanidade carece de comunicação, com destaque para as dificuldades de expressão escrita, que se constitui como um entrave também para a maioria dos alunos. Em EJA, fazer os alunos compreenderem que a língua portuguesa não é “bicho de sete cabeças” não é tarefa fácil. O aluno teme, na verdade, a gramática normativa, que segundo Bagno (2002), essa, sim, é difícil, já que sua dificuldade se deve ao repasse de conteúdos fragmentados e descontextualizados que vão contra as inúmeras situações presentes e faladas (escritas também) no Brasil inteiro.

Apesar disso, atribui-se ao ensino de português um estatuto particularmente importante. Relacionado a todas as demais disciplinas, a matéria possui fator decisivo no desenvolvimento integral do indivíduo e na formação do cidadão. Em EJA, reitera-se a relevância desta disciplina, uma vez que para a aproximação entre os conteúdos e as necessidades do aluno/trabalhador, faz-se uso da compreensão (ouvir/ ler) e da produção (falar/escrever). Nesse sentido, a disciplina possibilita exercitar a transversalidade por meio de um tema/objeto comum, já que se projeta em outros espaços curriculares.

Em salas de aula, a constante insegurança dos alunos ao serem solicitados para elaborar um texto sempre causa indignação ao professor. As queixas dos alunos são as mais diversas possíveis: medo, ausência de assunto, de motivação, de criatividade, entre muitas outras. Mesmo quando o tema é aparentemente simples - por exemplo, descreva sobre quem é você -, o aluno jovem e adulto tem dificuldade em iniciar uma redação.

Neste sentido, é fundamental que o professor reflita sobre como pode auxiliar esse aluno, cuja imagem sobre si é tão negativa em relação à produção escrita que, muitas vezes, considera-se um copo vazio sem ar. Bagno (2002) afirma que a gramática passou a ser um instrumento de poder e de controle. Apesar das aulas de português, o aluno não sabe por onde começar, qual o caminho a ser seguido, mesmo quando há explicações, mesmo quando há roteiros.

Assim, a experiência pedagógica descrita surgiu da necessidade de criar um mecanismo de ação voltado à elaboração de produção de textos em sala de aula que fosse, ao mesmo tempo, criativo, eficiente e divertido. A partir desses três quesitos, surgiu a ideia de trabalhar com um projeto redacional que tivesse algum componente artístico; a música foi a escolhida, variante sempre bem vinda às aulas de português. Contudo, o projeto também precisava de unidade. A solução foi criar um personagem e sua história. E, no aspecto de delimitação, em relação à disciplina e ao conteúdo, foram selecionados os gêneros textuais. O aluno para redigir determinado gênero, terá como aparato um texto de referência, cuja reflexão e crítica serão permanentes.

Acrescentou-se ao tema escolhido a determinação da Lei Federal n. 10.639, que alterou a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. À luz da nova lei, a comunidade escolar e todos os seus membros devem buscar mecanismos para a adaptação do novo conteúdo. Neste sentido, buscou-se minimizar os sentimentos negativos em relação à produção de textos, reforçar a oralidade e a escuta, desenvolver a capacidade crítica e reflexiva e contribuir para a construção de uma escola cidadã na medida em que os alunos, a partir da percepção e discussão sobre problemas presentes na sociedade brasileira, entre esses, o racismo, tornam-se agentes de mudança e transformação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DESIGUALDADES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR

No Brasil, há uma constatação de que preconceito, discriminação e racismo estão presentes no espaço escolar, demonstrada pela representação da população negra

nos livros didáticos – omissa, diminuída ou negativa – pela ausência da História dos negros nos currículos, entre outras formas já assinaladas nas mais recentes pesquisas (BENTO, 2006; CAVALLEIRO, 2001). Diante desse quadro de desigualdades raciais, em 2003, o governo federal publicou a Lei Federal n. 10.639/2003 a fim de incentivar a diversidade cultural e racial.

A referida Lei determina a inclusão e obrigatoriedade, no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, da temática História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, representando uma vitória em prol de uma educação antirracista, liderada, principalmente, pelos movimentos sociais negros. Nesse sentido, vale assinalar que a Lei alterou a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao acrescentar os artigos 26-A, 79-A e 79-B, in verbis:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2003).

A aprovação dessa lei é considerada parte da histórica luta de resistência dos negros e, posteriormente, dos movimentos sociais negros organizados, que, constantemente, denunciaram a presença de desigualdades raciais na sociedade brasileira, bem como reivindicaram mudanças na esfera educacional. Entre as quais se destacam: formação e melhores condições de acesso ao ensino para a comunidade negra, reformulação dos currículos escolares valorizando o papel e participação do negro na história brasileira, erradicação da discriminação racial e de ideias racistas nos livros escolares e nas escolas. Santos (2005, p.23) reforça que, já na década de 50, os movimentos sociais reivindicavam uma

reestruturação nos currículos nacionais. Tais demandas, como destaca o autor, constata a atuação desses grupos, que pode ser observada, quando da reestruturação de livros didáticos, eliminando a figura do negro como “racialmente inferior”, no fim do século passado.

Logo, a educação foi pauta de reivindicação desde as primeiras manifestações dos movimentos organizados, que segundo Santos (2011, p 58), ao analisar o contexto em que se fundam essas entidades, em 70, acresce: “O movimento negro é, pois, filho da explosão educacional dos anos 70 – proliferação de faculdades particulares estimuladas pelo Estado como “crise de vagas no ensino superior” (destaque do autor)”.

Segundo Cavalleiro (2001), é indispensável construir uma escola antirracista se a meta é um mundo melhor. A autora, ao analisar o racismo em escolas brasileiras, com propriedade afirma que há urgência em se buscar uma política na área de educação que rompa com o status quo, de modo a contestar conscientemente e declarar a inexistência de uma democracia racial em nosso país.

Contudo, o que se tem feito em sala de aula para amenizar o preconceito e extinguir o racismo? Temas polêmicos como religião, sexo, racismo, preconceito não são fáceis de serem abordados em sala de aula, mas não podem ser evitados se o objetivo é formar alunos cidadãos.

Em Freire (1996), do mesmo modo, se verifica a necessidade de se construir um novo olhar sobre a educação. Percebe-se a importância do amor nas relações pedagógicas, capaz de transformar a vida; a importância da troca, do coletivo, da parceria em educação, do compartilhar com o outro: o diálogo, a palavra, a humildade, o encontro e reencontro, o pensar autêntico, o respeito ao indivíduo, às suas diferenças e à cultura de cada um.

Como observa Bento (2001, p.45), “o que podemos perceber é que, convivendo, numa sociedade que os discrimina, que os associa a uma imagem negativa, muitos negros internalizam uma imagem ruim sobre seu povo e sobre si próprios.” Ao se sentirem inferiores, na visão da autora, reproduzem um dos efeitos mais perversos do racismo: a perda da autoconfiança.

Dessa maneira, ao aproximarmos os alunos do conteúdo legal, informando-os sobre a formação, resistência e luta da população negra, além de despertar o prazer da escrita, utilizando os procedimentos de leitura e audição, buscamos promover o desenvolvimento de valores e atitudes nos alunos. Auxiliando-os, assim, a superar conflitos e a exercer de fato a cidadania, à medida que questionam e transformam sua realidade.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo general

Produzir gêneros textuais a partir da leitura e reflexão de textos e músicas propostos, tendo como pano de fundo a construção da trajetória do personagem, que simboliza a história do negro no Brasil, a fim de minimizar o preconceito racial e adotar práticas antirracistas em salas de aula.

2.2. Objetivos específicos

- Identificar os gêneros textuais;
- Refletir sobre a temática antirracista;
- Conhecer alguns aspectos da história do negro na África e no Brasil;
- Produzir textos coletivos;
- Participar de debates em sala;
- Expor e propor ideias;
- Desenvolver pensamento crítico e reflexivo;
- Levar à comparação da história individual com a história dos negros.

3. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

3.1. O perfil dos alunos e o ambiente institucional

A escola é uma instituição pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e atende alunos jovens e adultos nos três segmentos da Educação de Jovens e Adultos. O corpo discente é constituído, em sua maioria, por pessoas com histórias de insucesso na escola regular: trabalhadores dos diversos setores da economia, bem como de donas de casa e auxiliares do lar, residentes no Distrito Federal e na região do entorno. A atividade pedagógica foi desenvolvida com alunos da quinta série dos períodos matutino e noturno. Geralmente, os alunos, que ingressam nesta série, estão algum tempo fora da sala de aula, executando-se os mais jovens, entre 15 a 17 anos, que recorrem a EJA por estarem impossibilitados de cursar a escola regular, já que atingiram uma faixa etária que não os permitem estudar junto aos mais novos. Portanto, o conjunto de alunos é heterogêneo, variando a idade, a partir dos 15 anos; a atividade laboral, a experiência educativa, entre outros.

3.2. A prática antirracista

A experiência apresentou duas propostas que ocorreram concomitantemente. A primeira foi a construção de um texto coletivo sobre a história de um personagem, contada e criada pelos alunos, permanentemente. O projeto coletivo de produção de texto teve como fim a unidade da turma. O texto foi produzido conforme ocorreram as discussões em sala. Nele, constaram as intervenções propostas pelos alunos. Para essa elaboração, a turma tinha um caderno-história, que estava sempre em sala à disposição dos alunos, mas que também visitava à casa dos alunos para leitura, pesquisa e escrita. Desenhos e gravuras propostas pelos alunos foram incluídos nesse caderno. O objetivo imediato desse caderno-história foi a produção de texto a partir da trajetória do personagem. O objetivo mediato foi a integração da turma, o respeito às ideias propostas por outros colegas, a construção do objeto coletivo e a participação efetiva de cada um dos estudantes.

A segunda proposta foi a produção de textos individualmente, a partir das leituras e das músicas sugeridas no percurso de personagem. Para esse trabalho, o aluno apenas precisou de caderno, lápis e caneta. O objetivo era que o aluno produzisse textos e refletisse sobre a importância e a necessidade de enaltecer os valores da população negra, garantindo-lhe uma vida escolar bem-sucedida e distante de qualquer tipo de preconceito.

Para tal fim, propôs-se a criação de um personagem, que inicia em sua terra africana, há 500 anos, e termina no Brasil atual. Esta trajetória foi dividida em dez momentos, aos quais se relacionam pontos marcantes na vida e reconstrução do povo africano que veio para o Brasil. Em cada passo, ouvia-se uma música e um texto era lido e discutido com os alunos, sobre cada tema era trabalhado um gênero textual.

Após o momento de leitura e reflexão, os alunos passavam a produzir seus textos, individualmente. A fim de facilitar a compreensão da experiência pedagógica, elucidaremos os passos no próximo item.

3.3. Passo a passo metodológico

ATIVIDADE INICIAL

Detalharemos o primeiro encontro. E, a partir desse, toda a estrutura será sistematizada para melhor compreensão das atividades. No capítulo inicial nomeado A captura, os alunos foram apresentados ao personagem. Há uma votação para o nome do personagem, pesquisamos alguns nomes africanos para esse fim, por exemplo, Daudi, Mazi, Mungu, Billah, Isa, entre outros. Após esse momento, há

um breve passeio sobre África, utilizando um mapa: localização, países, regiões, dando ênfase à diversidade africana, frisando que o continente africano, por exemplo, tem 56 países, evitando-se o reducionismo do continente e a reprodução de clichês, como nos filmes de Tarzan (Munanga, 2009). Essas considerações iniciais foram importantes para os alunos conhecerem a história de cada região africana, observando suas diferenças culturais.

Os alunos, então, foram convidados a pensar sobre como é o personagem (características físicas e psicológicas), quantos anos tem, quais são seus sentimentos, seus sonhos, de onde é, onde mora, quem são seus pais e irmãos, seus amigos, o que pensa, o que faz e qual futuro planeja. Após esse momento de construção do personagem, o professor anuncia a captura. E interpela a turma: O que ele estava fazendo? O que deixou para trás? O que está acontecendo com ele no momento em que é capturado? Como se dá essa captura e como ele reage? O que ele diz e o que pensa? As sugestões foram anotadas na lousa, e um texto é produzido e transcrito no caderno-história.

Após a transcrição, os alunos ouviram uma música (batuque afro) e leram provérbios africanos, refletindo sobre a mensagem que esses inspiram. Eis alguns exemplos: “Não chame a floresta que o abriga de selva”; “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador”; “Se você está construindo uma casa e um prego quebra, você deixa de construir, ou você muda o prego?”

Em seguida, a turma foi convidada a elaborar frases quaisquer: frases que já ouviu, frases sobre o personagem, falas do personagem, entre outras. Em relação a essa produção, os alunos foram valorizados pelas frases, não por sua extensão. Lembramos que estávamos diante de alunos que temiam escrever, e, não queríamos tornar essa atividade exaustiva. Por isso, optamos por, inicialmente, deixá-los mais livres. Os alunos, neste momento, refletiram sobre suas trajetórias de vida, seus valores, desejos e conflitos, assim como refletiu sobre o personagem criado. Por fim, apenas aqueles que estavam mais à vontade leram suas produções.

Na próxima etapa, introduzimos a parte técnica da produção de textos. Por exemplo: a) Frase é todo enunciado de sentido completo, constituído por uma palavra ou um conjunto de palavras, capaz de estabelecer comunicação; b) Inicia-se com letra maiúscula e termina com um sinal de pontuação, entre outras instruções.

Finalmente, quando percebemos que os alunos já tinham condições de reorganizar seus textos, passamos algumas regras sobre estética: alinhamento, separação de sílabas, para finalmente, passarem sua produção em seus cadernos.

Após o primeiro encontro e explicações sobre o processamento desses, as atividades passaram a ter uma dinâmica própria, que variava de acordo com o tema a ser trabalhado. Contudo, para facilitar a descrição da experiência, adotamos sistematizá-la, conforme segue e tabela inserida ao fim deste item.

ATIVIDADES INTERMEDIÁRIAS

1. Acolhida e memória do último encontro:

- Leitura do capítulo no caderno-história (do início até onde já foi produzido);
- Diálogo entre professor e turma sobre a trajetória do personagem com a intenção de verificar se houve compreensão sobre o que até então foi escrito.

2. Introdução do encontro:

- Escrevemos na lousa o nome do capítulo a ser trabalhado no dia cuja sequência é: A captura, A viagem, O desembarque, O trabalho escravo, A fuga, A liberdade, O trabalho livre, A discriminação, A conscientização e A cidadania.

3. Construção coletiva:

- Contextualização histórica: neste momento, por exemplo, se o tema era trabalho escravo, fazíamos uma explanação sobre todos os diversos modos de participação do negro na sociedade brasileira; por outro lado, se o tema era fuga, discutíamos todas as formas de resistência, desde o momento de privação de liberdade até os movimentos organizados tais como os quilombos.
- Reflexão: são as perguntas chaves para conduzir a discussão. Assim se o capítulo é A liberdade, perguntávamos: O personagem tem consciência de sua condição de homem livre? Quais são seus sentimentos? O que vai fazer? Qual é seu plano? Como será sua vida deste momento em diante? Terá uma casa, um trabalho, receberá salário? Que tipo de emprego terá, como sobreviverá, terá família, como cuidará dela? Como foi para os negros viver sentimentos opostos como Medo X Coragem, Liberdade X Escravidão, Amor X Ódio, Morte X Vida, a liberdade foi total ou parcial, de fato ou de direito?
- Outros estímulos paralelos: compreensão de conceitos. O que é ser livre? E você, aluno, se sente livre? O que faz para ser livre?

- Coleta de sugestões e anotações na louça;
 - Elaboração da história coletiva a partir dos dados acima e transcrição no caderno-história.
4. Produção individual:
- Audição das músicas: a cada encontro há uma música selecionada relacionada ao tema;
 - Leitura dos textos: a cada encontro há um texto selecionado conforme o gênero a ser trabalhado;
 - Explicação técnica sobre o gênero a ser trabalhado. Por exemplo, se iam produzir receitas, era explicado como é construída e como é sua linguagem: direta, clara, objetiva e emprega o padrão culto da língua.

- Apreciação dos textos individuais, correção do professor e transcrição nos cadernos individuais.

5. Encerramento do encontro: encerrávamos com leituras dos textos produzidos e, conforme a temática trabalhada, com atividade lúdica, por exemplo, lanche coletivo, recortes, cantos, entre outras.

ATIVIDADE FINAL

No encerramento de todos os encontros, o caderno-história foi digitalizado e os alunos produziram uma capa. Fizemos uma Feira Afro-brasileira expondo as produções das turmas, com lanche coletivo típico, filmamos os depoimentos dos alunos sobre sua participação no projeto e aplicamos um questionário sobre o desenvolvimento do processo. O quadro, abaixo, busca-se demonstrar, em linhas gerais, quais as etapas seguidas em cada capítulo:

| ENCONTRO: | TEXTO/ AUTOR | MÚSICA /AUTOR | PERGUNTAS | GÊNERO TEXTUAL | Ativida de Auxiliar | Observações |
|---|--|----------------------------------|---|-----------------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| PRIMEIRO: A CAPTURA | Provérbios africanos | Batuque afro | O que sentiu? O que ele estava fazendo, o que deixou para trás? | FRASES | Leitura | Criando frases |
| SEGUNDO: A VIAGEM | Tão longe de mim distante/ Carlos Gomes | Poemas/ Solano Trindade | O que passa em sua mente? Quem são esses homens? Para onde estão indo? | JOGO DE PALAVRA | Passeio pelos arredores da escola | Criando histórias e imagens |
| TERCEIRO: O DESEMBARQUE | Descrição do país africano escolhido | Meu Grito/ Oswaldo De Camargo | O que essa terra tem? Como ela é? Quais as diferenças entre essa terra nova e a que deixou? | DESCRIÇÃO DE AMBIENTE | Passeio pelos arredores da escola | Criando histórias e imagens |
| QUARTO: O TRABALHO ESCRAVO | Receita de quindim e Receita Para bem viver / Dorival Caymmi | Terra Seca/ Ary Barroso | Como o indivíduo submetido à escravidão reage? O que ocorre com ele? | RECEITAS | eguste de receitas | Produzindo imagens do cotidiano |

| ENCONTRO: | TEXTO/ AUTOR | MÚSICA /AUTOR | PERGUNTAS | GÊNERO TEXTUAL | Atividade de Auxiliar | Observações |
|---|---|--|---|--------------------------------------|--|---|
| QUINTO: A FUGA/ RESISTÊNCIA | Bilhetes | Canto De Ogum | Ele fará o que e com quem? | BILHETE | Conver- sas sobre e-mails e msm | Produzindo imagens do cotidiano |
| SEXTO: A LIBERDADE | Um Homem Nunca Chora José Craveirinha Poemas/ Craveirinha | África Brasil / Jorge Ben Jor | Como será sua vida deste mo- mento em diante? Terá uma casa, um trabalho, receberá salário? | POESIA | Recital de poesias | Criando histórias e imagens |
| SÉTIMO: O TRABALHO LIVRE - EXPLORAÇÃO | Crônica / Machado de Assis | Cidadão/ Lúcio Barbosa | Como é sua sobrevivên- cia e de sua família? Seus direitos foram respeitados? | NARRAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA | Contar suas experiências | Produzindo histórias do cotidiano |
| OITAVO: A DISCRIMINAÇÃO | Poemas concretos | Mama África/ Chico César | Como o personagem se sente em relação à discrimi- nação? | POEMA CONCRETO | Varal de poemas | Refletindo o cotidiano |
| NONO: A CONSCIENITIZAÇÃO | Estatuto da Igualdade Racial | Black is Beautiful/ Marcos Valle/ Paulo Sergio Valle CF/ leis/ artigos | Os alunos pensarão qual é o reflexo dessas leis na vida do per- sonagem. As leis de fato funcionam, e garantem direitos? | CARTA às autoridades | Funções de Deputados e Senadores da República | Criando imagens e produzindo o cotidiano |
| DÉCIMO: A CIDADANIA | Campanhas publicitárias: “Ela só tinha tem anos e disse que detestava preto | Pacato Cida- dão/ Samuel Rosa e Chico Amaral | Como construir uma democracia racial? O que é cidadania? | CAMPANHA PUBLICITÁ- RIA | Distribuição de cartazes pela escola | Refletindo e produzindo o cotidiano |

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os alunos participantes foram alunos de turmas da Educação de Jovens e Adultos, dos turnos matutino e noturno. No início do semestre foi realizado um diagnóstico de cada aluno por meio de entrevista que buscava detectar qual a principal queixa do aluno em relação à disciplina. Após o semes-

tre letivo, os alunos foram convidados a avaliarem o período, considerando suas dificuldades iniciais e seu aprendizado em relação às questões raciais. Os depoimentos foram registrados no livro da turma, foram filmados e foi aplicado um questionário avaliativo sobre suas percepções sobre seu aprendizado.

Apresentamos, neste estudo, alguns relatos dos alunos, cujas falas foram identificadas por letras gregas a fim

de proteger-lhes a identidade. Nos depoimentos, os alunos fizeram referências aos nomes dos personagens, nestes casos, destacamos em *itálico*.

Muitos alunos evidenciam o tempo que passaram sem estudar, aliando essa característica à vontade de perseverar: [...] Aprendi muito português, eu engolia muitas palavras, mas agora erro menos. Tinha dez anos que eu não estudava, mas me saí muito bem. (Alfa); [...] Bom, depois de 23 anos fora das salas de aula, retomar os estudos foi muito bom. (Beta); [...] Foi maravilhoso, me senti mais jovem, aprendi muitas coisas boas que tinha deixado para trás. (Gama); [...] Eu aprendi muito com meu retorno às aulas. Depois de 20 anos, estou gostando mais de ler. (Épsilon)

Verifica-se que em EJA é essencial que o aluno se sinta acolhido, principalmente quando retorna os estudos nas quintas séries do ensino fundamental, tornando-se necessário um período de adaptação, que estimule a permanência e reforce a persistência. As falas “aprendi muito e aprendi muitas coisas” evidenciam essa vontade dos estudantes de EJA.

Segundo Gomes (2010), uma das que exigências antigas do Movimento Negro é que a escola se efetive como espaço do direito à diversidade e à diferença. Neste sentido, muitos relatos demonstraram essa possibilidade, conforme depoimentos: [...] Aprendi a escrever melhor, criar alguns textos, criar histórias porque escrevemos bastante aprendemos sobre os negros e falamos sobre Mandela. (Dzeta); [...] O trabalho desenvolvido nesse semestre foi muito importante como vários assuntos importantes para o nosso futuro e moral. Aprendemos a respeitar as pessoas com igualdade, sem discriminação ou preconceito. (Eta); [...] Foi um trabalho maravilhoso, eu gostei tanto do Mumba, como do trabalho do racismo. Eu não sabia como no Brasil ainda tem tanto racismo! (Teta); [...] Força, Nairobi, eu aprendi muito com você como os negros são fortes para lutar pelos seus direitos e eu vou ser um deles, tchau, amigo. (Iota); [...] A experiência que tive nesse trabalho do Nairobi, que eu aprendi, não devemos ser racistas e valorizar mais os negros. (Capa); [...] Aprendi a ver um lado do preconceito que eu não sabia e também achei muito interessante porque eu aprendi a me ver e me aceitar também. (Lambda).

As falas relacionadas aos textos produzidos e ao acompanhamento dos alunos no decorrer do semestre indicam que uma postura mais segura surgiu no lugar de uma atitude medrosa e insegura observada no início do semestre. Da mesma maneira, como vimos, nos depoimentos escritos e filmados, os alunos expressam o que aprenderam, falando da importância de adotarem práticas antirracistas em seu cotidiano, de modo a ampliar conhecimentos e contribuir para melhorar e solucionar questões coletivas.

Em relação à aplicação dos questionários, os respondentes afirmaram que tanto gostaram de trabalhar com o

conteúdo aplicando como, a partir das discussões realizadas em sala, a compreensão sobre tema como o racismo e seus desdobramentos, preconceito e discriminação racial, foram necessários para a reflexão sobre sua própria vida e das demais pessoas. Neste sentido, conforme ensina Morin (2011), é necessário restaurar a condição humana que deve ser objeto essencial de todo o conhecimento.

5. CONCLUSÃO

A experiência confirma que há possibilidade de remover possíveis barreiras na prática escrita, como o medo, sentimento presente nos alunos da EJA, assim como a vergonha, a baixa autoestima e a frustração, já que ao fim do período letivo, seis meses, o livreto com a história do personagem está pronto e, objetivamente, foi construído por todos os alunos. Ao perceberem-se coautores da história, esses sentimentos negativos dão lugar à motivação e à confiança para escrever.

Outro fator determinante para os resultados positivos apresentados foi que o projeto se desenvolveu de forma flexível, permitindo várias possibilidades de execução, tanto em relação ao tempo quanto à escolha das músicas e dos textos. Ressalte-se, ainda, que outras estratégias foram utilizadas de forma a integrar conhecimentos: gravações, confecção de receitas afro-brasileiras; apresentação de anedotas e piadas; criação e impressão de histórias em quadrinhos, slogan de criação do livro coletivo; troca de informação e trabalho colaborativo em relação à criação do texto coletivo.

Logo, a temática selecionada - Práticas Antirracistas em Salas de Aula – à luz da Lei 10.639, teve como finalidade fazer com que o PIL possa contribuir na formação de uma matriz curricular para EJA, na medida em que propôs uma educação de combate a discriminações fazendo com que os estudantes sejam capazes de refletir, discutir, conhecer, ler e escrever sobre si, permitindo-lhes construir uma visão bem sucedida e realista sobre a população negra, em busca da promoção da justiça social, cidadania e igualdade.

Dessa maneira, o professor, ao aproximar os alunos do conteúdo legal, informando-os sobre a formação, resistência e luta da população negra, além de despertar o prazer da escrita, poderá – a partir de atividades que não se referem a um conteúdo específico, mas a procedimentos de leitura e audição – promover o desenvolvimento de valores e atitudes nos alunos. Auxiliando-os, assim, a superar conflitos e a exercer de fato a cidadania, à medida que questionam e transformam sua realidade. ©

Denise Maria Soares Lima, professora, advogada e professora, mestranda em Educação e pesquisadora da Cátedra Unesco pela Universidade Católica de Brasília.

REFERÊNCIAS

- Bagno, Marcos. (2002). Preconceito linguístico: O que é, como se faz. 15. ed. São Paulo (Brasil): Loyola.
- Bento, Maria Aparecida Silva. (2006). Cidadania em Preto e Branco. São Paulo (Brasil): Ática.
- Brasil. Lei n. 10639, 9 de janeiro de 2003. (2003). Recuperado el 02 de junho de 2010 em; el sitio web Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm
- Cavalleiro, Eliane. (Org.). (2001). Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola. São Paulo (Brasil): Selo negro.
- Gomes, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões.(2010). En: Gomes, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte (Brasil): Editora Autêntica.
- Freire, Paulo. (1996). Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo (Brasil): Paz e Terra.
- Morin, Edgar. (2011). Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo (Brasil): Cortez.
- Munanga, Kabengele. (2009). Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, Línguas, culturas e civilizações. São Paulo (Brasil): Global.
- Perrenoud, Philippe. (2005). Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia; tradução Fátima Murad, Porto Alegre (Brasil): Artmed.
- Santos, Ivair Augusto Alves dos. (2005). O movimento negro e o Estado: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo (1983-1987). Campinas (Brasil): [s.n.].
- Santos, Sales Augusto. (2005). A Lei n. 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. En: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03 Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília (Brasil): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Recuperado el 7 de junho de 2010, en: <http://unesdoc.unesco.org/images/por.pdf>.



2. **Alimentación correcta:** Nadie vive de la brisa. Mujer vive de cariño. Déle en abundancia. Es cosa de hombre, y si ella no lo recibe de usted, lo buscará en otro. Besos matinales y un “yo te amo” al desayuno las mantienen bellas y perfumadas durante todo el día. Un abrazo diario es como el agua para los helechos.

No la deje deshidratarse. Por lo menos una vez al mes es necesario, si no obligatorio, servirle un plato especial.

Viene de la pág. 256

Continúa en la pág. 266

Pensamiento global

3. **Flores:** También hacen parte del menú. Mujer que no recibe flores se marchita rápidamente y adquiere rasgos masculinos como la brusquedad y el trato áspero.
4. **No restrinja su vanidad:** Es propio de la mujer hidratar las mechas, pintarse las uñas, echarse labial, estar todo un día en el salón de belleza, coleccionar aretes, comprarse muchos zapatos, pasar horas escogiendo ropas en un centro comercial. Comprenda todo esto y apóyela.
5. El cerebro femenino no es un mito Por inseguridad, la mayoría de los hombres prefiere no creer en la existencia del cerebro femenino. Por ello, buscan aquellas que ellos creen no tenerlo. Entonces, aguante: mujer sin cerebro no es mujer, sino un simple objeto decorativo. Si usted está cansado de coleccionar estatuillas, intente relacionarse con una MUJER.

Algunas le mostrarán que tienen más materia gris que usted. No les huya, aprenda con ellas y crezca. Y no se preocupe; al contrario de lo que ocurre con los hombres, la inteligencia no funciona como repelente para las mujeres.

6. **No haga sombra sobre ella...** Si usted quiere ser un gran hombre tenga una mujer a su lado, nunca atrás. De esa forma, cuando ella brille, usted se bronceará. Sin embargo, si ella está atrás, usted llevará una patada en el trasero.
7. **Acepte:** Las Mujeres son seres con luz propia y no dependen de nosotros para brillar. El hombre sabio alimenta los potenciales de su compañera y los utiliza para motivar los propios. Él sabe que, preservando y cultivando la mujer, él estará salvándose a sí mismo.

Mi amigo, si usted piensa que la mujer es demasiado costosa, escoja otro camino ¡Sólo tiene mujer quien puede!

Viene de la pág. 265

Luis Fernando Veríssimo
Escritor brasileño
Porto Alegre, Rio Grande do Sul,
26 de Septiembre de 1936)